

# PEQUENA ABORDAGEM DA POÉTICA DE AGOSTINHO NETO<sup>1</sup>

*Antonio de Pádua de Souza e Silva*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Programa de Literatura Portuguesa: Investigação e Ensino

## RESUMO

O texto analisa alguns poemas do livro Trilogia Poética: Sagrada Esperança, Renúncia Impossível e Amanhecer, de Agostinho Neto, poeta angolano, combatente na guerra pela autodeterminação do Estado angolano e seu primeiro presidente, publicada pela UEA, Luanda, em 2009.

**Palavras-chave:** Agostinho Neto, poesia africana, análise crítica.

## ABSTRACT

This article analyses some poems from the "Trilogia poética: Sagrada Esperança, Renúncia Impossível e Amanhecer" (Poetic trilogy: Sacred Hope, Impossible Renunciation and Arising), by Agostinho Neto (Luanda, UEA, 2009), the Angolan poet who fought in the War of Independence of his country and became its first president.

**Key-words:** Agostinho Neto, African poetry, Critics.

A trilogia poética de Agostinho Neto, em edição da União dos Escritores de Angola, 2009, reunindo poemas de **Sagrada Esperança, Renúncia Impossível e Amanhecer**, com prefácios de José Saraiva de Carvalho, General e combatente da luta de libertação, e do Professor Doutor Pires Laranjeira, professor associado do curso de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa: Investigação e Ensino, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, representa, salvo engano, a mais completa edição da obra deste ícone da literatura, da política e da cultura geral de Angola.

Em seu prefácio, Carvalho, que conheceu bem o poeta, companheiro de luta pela libertação de Angola, aponta-nos para um Agostinho Neto pensador, homem de ação, poeta e político. Para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para avaliação da disciplina **Literaturas Africanas** do Programa de Literatura Portuguesa: Investigação e Ensino da Faculdade de Letras/UC, ministrada pelo Professor Doutor José Luís Pires Laranjeira.

ele, a mensagem de Neto centra-se na “consciencialização da necessidade de luta que dirige ao seu Povo e aos Povos do mundo. Mensagem de fé e esperança. De amor, de fraternidade, de solidariedade, de paz para todos os homens.”.

### **A singularidade de Neto: descrição e evangelismo**

#### *Um ideário que a poesia cumpriu*

Como se sabe, Agostinho Neto foi um dos fundadores do **Movimento dos Novos Intelectuais de Angola**, ao lado de Viriato da Cruz e Antonio Jacinto, cujo lema era “Vamos Descobrir Angola”, e da revista **Mensagem**. Segundo Carvalho, a poética de Neto está comprometida com o seu tempo e sua história, daí se tratar de uma poesia engajada, por isso mesmo, tende a “denunciar o aviltamento do homem colonizado, os maus-tratos, as prisões arbitrárias, a exploração desenfreada, o esbulho de terras, o trabalho forçado, o contrato, a fome, a miséria, o analfabetismo, o desterro”. Para ilustrar, ele cita o poema *Partida para o contrato*, de 1945, quando o autor tinha apenas 23 anos de idade:

O rosto retrata a alma  
Amarfanhada pelo sofrimento

Nesta hora de pranto  
Vespertina e ensanguentada  
Manuel  
O seu amor  
Partiu para S. Tomé  
Para lá do mar

Até quando?  
(...)  
Não há luz  
Não há norte na alma da mulher  
Negrura  
Só negrura...

E, citando César Viana, Carvalho insinua um possível “evangelismo” na obra literária de Neto:

Por natureza, 'evangelismo' é novidade e dinamismo. Tem força crítica e capacidade inovadora. Critica o arcaico, o caduco e vai para além dele. Nesta medida, renovando-o, contribui para a transformação do ser. Neste sentido, a mensagem da poesia de Neto merece a designação de 'evangelismo'(CARVALHO in NETO, 2009, p 17)

Depreende-se que a poesia de Agostinho Neto é a expressão de sua própria existência e de sua própria história, como revela o poema *Explicação*:

Que me importa  
O perfume das rosas  
Os lirismos da vida  
Se meus irmãos têm fome?  
(...)  
Todo o meu ser  
Vive  
O querer dos homens sem norte  
À procura  
Da certeza

É uma poesia comprometida politicamente, guiada pela urgência de intervenção:

Impaciento-me nesta mornez histórica  
De esperas e de lentidão  
Quando apressadamente são assassinados os justos  
Quando as cadeias abarrotam de jovens  
Espremidos até à morte contra o muro da violência

Acabemos com esta mornez de palavras e gestos  
(...)  
Inicie-se a acção vigorosa máscula inteligente

O poeta nunca foge de seu ideário, diz Carvalho, e, citando agora o ensaísta da Guiné-Bissau, Mário Santos: “Abordar a obra poética de Agostinho Neto significa abordar a espinha dorsal de uma literatura empenhada na luta anticolonial, uma literatura nacionalista”, por isso uma literatura de ruptura e resistência, como o são todas as literaturas comprometidas com seu tempo histórico, no dizer de Sartre:

O próprio destino das nossas obras estava ligado ao destino da França em perigo: os nossos antecessores escreviam para almas desocupadas, mas, para o público a que nos iríamos dirigir, as férias tinham terminado: era um público formado de homens da nossa espécie que, como nós, aguardavam a guerra e a morte. A esses leitores sem horas de lazer, incessantemente absorvidos por uma só preocupação, um único assunto podia interessar: era sobre a guerra, sobre a sua morte que tínhamos de escrever. Brutalmente reintegrados à história, éramos acuados a fazer uma literatura de historicidade. (SARTRE, 1989, p. 159)

São estas as razões que norteiam, segundo Carvalho e Laranjeira, a obra poética deste que viria ser o primeiro presidente da Angola independente: comprometimento ideológico, nacionalismo, guerra de libertação nacional, autodeterminação das colônias, liberdade, entre outras. Para Pires Laranjeira:

A poesia de Neto, expondo esteticamente as ânsias e raivas do povo dos musseques (bairros populares pobres), analisando socialmente a situação histórica, referindo as aspirações, o desejo de mudança e a esperança desse povo, pressupõe a existência de condições objectivas para a formação de um movimento popular de libertação nacional, enquanto organização superior de luta, constituindo esse discurso estético um testemunho social e histórico de que começou, nele próprio (e noutros discursos) e na prática social e política, a ser forjado, portanto, antes de 1956 e surgiu, de facto, nesse ano, enquanto MPLA, e não mais tarde, como algumas teorias revisionistas querem fazer crer (LARANJEIRA in NETO, p 28, 2009)

Segundo Carvalho, o que diferencia Agostinho Neto, poeta, de outros, tais como: Aimé Césaire, David Diop e Léopold Sedar Senghor, principalmente deste, é que, embora Senghor e Neto proponham a “reabilitação da cultura africana”, Neto propõe a luta contra a escravidão colonial, “consciencializando o Povo e mobilizando-o para a ação violenta, revolucionária inculcando-lhe a certeza da vitória”, enquanto Senghor propõe “um entendimento entre colonizado e colonizador, onde este continuará a ter uma posição de supremacia”. Segundo ainda o General ensaísta: Neto, em sua obra poética, prefere o ético ao estético, fugindo do estereótipo da “arte pela arte” que norteou muitos paladinos das belas letras, como referia Sartre. Isso não significa que o poeta despreze os valores estéticos da *poiesis*, é como entendemos, ou, do contrário, o nosso General estaria incorrendo num pequeno equívoco. Acontece que a urgência e a necessidade de comunicar tornam a poética de Neto mais prosaica, menos tradicional, com versos livres e brancos, técnica, aliás, muito utilizada por muitos poetas do século XX, adeptos que foram das rupturas propiciadas pelas vanguardas europeias.

Em relação ao “messianismo”, como querem alguns, de Neto, expresso no poema *Adeus à hora da largada*:

Minha mãe  
(todas as mães negras  
Cujos filhos partiram)  
Tu me ensinaste a esperar  
Como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida  
Matou em mim essa mística esperança  
Eu já não espero  
Sou aquele por quem se espera

Assim fala José Saraiva de Carvalho:

Aqui, Agostinho neto, apresenta-se, sem reboço, como o chefe da luta necessária para a redenção do seu Povo. Repare-se no advérbio “já”: deixou de esperar, porque a vida o compeliu a perder o misticismo expectante. Por isso, recusou a atitude bíblica de dar a outra face. Cansou-se de esperar e quer partir “em busca da vida”.(CARVALHO in NETO, p 24, 2009)

Para Pires Laranjeira, Neto não é messiânico, mas um indivíduo que olha à sua volta e, indignado com a realidade sua e de seu povo, propõe mudanças e nelas acredita com veemência, não se trata de prometeísmo, mas de conquista:

Não se trata de um messianismo ou prometeísmo literário, inserto num mecanismo de leitura, porque a poética de Neto não permite a concepção de um discurso pós-modernista de fingimento, de mascaramento ou de colagem. A sua poética é constituída por uma estratégia afinada pela política, a ideologia e a intervenção histórica, no sentido mesmo de contribuir para mudar o rumo da história, marcada por signos esvaziados de ambigüidade e, portanto, plenos de verossimilhança, veracidade e verdade(...). (LARANJEIRA in NETO p 30, 2009)

*Partir para regressar outro*

Prossigamos, pois, com a análise de algumas poesias do livro **Sagrada Esperança**, composto de 51 poemas, datados das décadas de 40, 50 e 60, constitui-se um todo harmônico no denunciar a vida da gente pobre de Angola, o colonizado, sem nenhum direito, forçado a trabalhar para o sustento e bem-estar do colonizador; mas, ao mesmo tempo em que denuncia, proclama a união de todos os povos na construção de uma luta pela independência de Angola, em particular, e da África, em geral, profetizando um novo amanhecer, não apenas no plano onírico, das fantasias, e sim por acreditar piamente na sua concretude.

O primeiro poema, *Adeus à hora da largada*, se constitui uma proclamação de despedida e, ao mesmo tempo, de chegada. O eu poético, expresso, inicialmente, em primeira pessoa do singular, altera-se, a partir da quarta estrofe, para a primeira do plural, abarcando assim o

coletivo (alvo da voz poética/profética). É possível perceber que o termo “Mãe”, sempre grafado com maiúscula, representa a dupla genitora: mulher/terra: “Minha Mãe/(todas as mães negras/cujos filhos partiram)/tu me ensinaste a esperar”. Aqui temos a representação da mulher-mãe africana; observemos os seguintes versos: “Sou eu minha Mãe/a esperança somos nós/os teus filhos/partidos para uma fé que alimenta a vida” temos aí uma Angola, na microvisão, que pode ser elevada à macrovisão da África toda. Nesse poema, o eu poético se coloca em um presente de injustiças, a caminho de um amanhã de liberdade, em “busca da vida”: “Quando comemoraremos a data da abolição desta escravatura”, observemos que o “desta escravatura” nos remove ao tempo passado da escravatura oficializada, em virtude do trabalho forçado a que ainda eram compelidos os negros habitantes das colônias.

*Partida para o contrato* representa uma advertência, um vislumbre ao colonizado, uma chamada de atenção: “Manuel/ o seu amor/partiu para S. Tomé/para lá do mar”, o trabalho forçado representa a ruptura do convívio estável entre os amantes e às vezes parece haver uma certa resignação, por isso é preciso mudar esse quadro, não remediar, mas lutar, destruí-lo, pois a diáspora é uma forma de enfraquecimento do povo, das organizações revolucionárias.

Em *Sábado nos musseques*, bairros pobres e populares de Angola (como esclarecem os dois primeiros versos), o segundo maior poema de todo o livro, ficando atrás apenas de *Renúncia impossível*, temos a descrição desses bairros como um quadro representativo do todo. Sábado, último dia da criação, feito para o descanso e para a glória de Deus; no poema veremos a descrição de três situações que contornam o dia de sábado, dia geralmente tirado para festas e deleites, são elas: o “desespero”, a “esperança” e a “mística ansiedade”. A “ansiedade” toma vários contornos: o do sonhar sob a lua cheia, por não ter luz elétrica, sequer candeeiros; o do beber para rir e esquecer as dores; o do sadismo do soldado que sente prazer em agredir o indefeso, o dos que buscam “o prazer fácil”, o do que se apraz violando a puerilidade da criança, do pedófilo rico, o das discussões triviais nas tabernas ou das casas vizinhas, das brigas familiares, o das propagandas dos alto-falantes, o dos batuques dos *Kiocos* a Lunda, a quebrar fronteiras, levando consigo a mensagem de seu povo, o da criança que tem medo do polícia, o da viola que canta sambas preguiçosos, cheios de saudades, melancólicos, o dos bêbedos caídos nas ruas, o das mães aflitas pelos filhos desaparecidos, o do homem que recorre ao *kimbanda* para conservar o emprego, o da mulher que recorre ao feiticeiro para conservar o marido, o da mãe que busca o adivinho para curar a filhinha, o das mulheres que imploram compaixão às “nossas senhoras” da Igreja Católica, o da *kazukuta* dançada nos bordéis, o das brigas em festas populares, enfim, o contorno mais doloroso da “Ansiedade/nos

que descobrem multidões passivas/esperando a hora”, aí a ansiedade ganha força e renasce nos “homens” o “Homem “, ou seja, num belo jogo metonímico do todo pela parte e da parte pelo todo, onde os “homens” representam a coletividade, “Homem” representa o todo completo do ser e “homem”, cada ser individualmente, o poeta constrói a imagem do ser que se descobre como tal, a fim de que a vida não seja aquele quadro de misérias e passividades “e a esperança/não mais se torne/em lamentos da multidão” e o que era mística ansiedade vai se transformando em “heróicas bandeiras/nas almas escravizadas”, assim temos um eu poético que sai do lamento da prostração para o nascimento do combate. A preocupação de Neto, parece-me, é não deixar que ocorra o que constata Fanon:

Porque compreendem que estão a ponto de se perderem, de se perderem para o seu povo, esses homens, com raiva no coração e o cérebro enlouquecido, encarniçam-se por restabelecer o contacto com a seiva mais antiga, a mais anticolonial do seu povo. (FANON, 1961, p.205)

*Caminho do mato* parece destoar um pouco da temática dos poemas até agora analisados, dá-nos uma ilusão de enleio amoroso, mas é tão só uma crítica a quem pode desfrutar desse prazer: o “soba”, o chefe, é um poema que tem um ritmo musical, construído à base de polissílabos e um refrão, em estrofes de quatro versos, contando o estribilho, ao feitio das canções, nele sobressai a figura de “Lemba”: divindade que preside a procriação, segundo Houaiss, nele há ao mesmo tempo lamento e desejo do eu lírico.

### **Neto antes de Fanon: premonições**

#### *Degradação, alienação, revolta*

*Crueldade* retoma o tom de denúncia que permeia a obra, pois há sempre que morrer um negro, mesmo em dias de festa, para a jactância “dos homens postados/à esquina”, reina a indiferença, pois o fato já se tornou banal; a vida já não tem valor, e “Em corações alarmados/segredam místicas razões”, o que não minimiza o ódio que parece crescer no âmago do eu poético, pois, como diz Fanon: “O colonialismo não se contenta em apertar nas suas redes o povo, em esvaziar o cérebro colonizado de qualquer conteúdo (1961, p.205)”. *Comboio africano* revela-nos aquilo que poderia ter sido, mas não foi: os negros trabalharam,

e muitos até morreram, para que ali chegasse o comboio, o progresso, porém o lugar destinado a eles é a terceira classe, por isso “quem esforçou não perdeu/mas ainda não ganhou” e não nos furtemos à forte ironia dos dois últimos versos: “Lento caricato e cruel/o comboio africano...”. *Quitadeira*, a princípio um poema simples, aliás uma tônica dos poemas de Agostinho Neto, nele vemos a personificação de uma Angola, ou melhor, de duas Angolas: uma que cresce acompanhando o curso da história, e outra que permanece entregue ao descaso das ordens constituídas, daí não restar mais do que entregar-se “ao álcool” e “às religiões”, uma vez que

O colonialismo (...) não deixou de afirmar que o negro é um selvagem (...) Para o colonialismo, esse vasto continente era um covil de selvagens, um país infestado de superstições e fanatismo, merecedor do desprezo, com o peso da maldição de Deus, país de antropófagos, país de negros(FANON, 1961, pp. 206-207)

Reparemos quão sintomáticos são estes versos: “Até mesmo a minha dor/e a poesia dos meus seios nus/entreguei-as aos poetas”, então o eu lírico reage como deve ser, pois só há uma saída é “sangue”, esse é o preço, simbolizando a luta pela transformação, como que renascer das cinzas, como a fênix das mitologias. *Velho negro* é um poema onde vamos encontrar a degradação do “Negro”, rendido aos homens e à religião, enquanto “eles”, os únicos culpados por tamanha aleivosia, murmuram: “pobre negro” e, o pior de tudo, “os poetas dizem que são seus irmãos”! Para o eu lírico, isso é inaceitável: será que os poetas não conseguem perceber o seu “espírito escondido/no silêncio das frases côncavas”?

*Meia-noite na quitanda* nos traz, mais uma vez, a personificação de Angola, e, como já se viu, ao se falar de Angola, muitas vezes por extensão, estaremos falando de África, agora na figura de Sá Domingas, que trabalha dia e noite para pagar impostos virtuais, pois ela não os contraiu, inventaram-nos, por isso “que o coração de Sá Domingas/sofre mais do que o corpo na quitanda”. Segundo Fanon: “O intelectual colonizado que partiu da cultura ocidental e decide proclamar a existência de uma cultura, não o faz em nome de Angola ou Daomé. A cultura que se afirma é a cultura africana”.

*Para além da poesia* é uma reflexão sobre Angola: as queimadas, a paisagem, sua gente com seus sonhos, os folguedos, tudo isso pode ser motivo poético, porém existe algo que está para além das amenidades plástico-poéticas, e é esse algo que o eu poético persegue, o seu desejo está para além das veleidades lírico-sentimentais, o seu objetivo literário é outro.



Fanon divide a literatura africana da época da colonização em três fases: a primeira reúne aqueles intelectuais que assimilaram a cultura europeia, e as suas obras correspondem às dos seus “homólogos metropolitanos”; a segunda fase corresponde ao colonizado que se movimenta e busca recordar-se do passado, é o autóctone que vai fundo em suas raízes, que vai ao reencontro do seu povo, “é fazer-se boubou” no dizer de Fanon. Para esses escritores, o que interessa é relembra-los velhos episódios da infância, velhas lendas. A terceira fase, que ele chama de luta, compreende “o colonizado – depois de haver tentado colocar-se entre o povo, transforma-se no que desperta o povo”, essa literatura está comprometida com as causas da libertação, preocupa-se com esclarecer os não esclarecidos, convocar as massas, fazê-las emergirem de sua letargia:

O intelectual colonizado dará conta, sem dúvida, mais tarde ou mais cedo, de que não se prova a nação com a cultura, mas que esta se manifesta na luta que o povo realiza contra as forças de ocupação.(...) O intelectual colonizado, no preciso momento em que se inquieta por realizar uma obra cultural, não dá conta de que utiliza técnicas e uma língua tomadas ao ocupante. Contenta-se em revestir esses instrumentos por um tom que deseja ser nacional, mas que lembra estranhamente o exotismo.(FANON, 1961, pp. 217/218)

*Noite e Civilização ocidental* percorrem o mesmo caminho de denúncia, o primeiro revela o tipo de vida que o africano leva, a reificação do negro, o eu poético, como que resignado, constata que a noite também é escura, coisa rara em sua poesia. Já o outro poema reitera a condição de “escravo” do homem negro, obrigado a construir o conforto da “civilização ocidental”, enquanto o aguarda uma velhice precoce e “Uma esteira nas noites escuras/basta para ele morrer/grato/e de fome”, pois a civilização que o europeu dizia levar ao povo africano não existia, era um engodo para justificar apenas a colonização: “Por uma espécie de perversão da lógica, orienta-se para o passado do povo oprimido, distorce-o, desfigura-o, aniquila-o (FANON, 1961, pp.205/206)”.

*Desfile de sombras*, tendo o mesmo grau de denúncia dos outros, incorpora todos os homens, todas as mulheres: velhos e crianças, incorporando assim as suas dores, transformando-se num ser coletivo, que suporta todos os sofrimentos de sua gente, mas também os seus desejos de mudança.

*Sombra* representa a raiva pela coisificação do africano, que não pode ter saudade como todo ser humano, pois seu passado é de tortura e trabalho, então como há de sentir saudades?, sentimento tão caro aos homens, mas ao mesmo tempo alienante, inibidor da força de

libertação, tão presente naqueles escritores da primeira fase de que fala Fanon. Em Agostinho Neto, esse retorno ao passado, às origens, como forma de lamentação, não cabe, não é pertinente ao seu tempo, à sua história.

*Sinfonia*, mescla mais uma vez dor e alegria, luta e liberdade, prevalecendo sempre a vitória no sentimento do eu lírico. *Contratados* fala-nos do acordo feito entre o colonizador e o colonizado, de forma pacífica ou não; esses contratos, no entanto, se tornavam no fundo em mais uma forma de *escravidão*, uma vez que o contratado, sempre a dever, passava a refém do contratante; no poema, a voz do poeta vai conduzindo os contratados aparentemente resignados através de um canto único que se prenuncia nas reticências do último verso, pois o canto também é uma forma de comunicação, um código secreto.

#### *Aproximações a um Atlântico Negro*

*Confiança* é a voz de África contabilizando as contas na construção do mundo ocidental, responsável pela sua diáspora: “Na minha história/existe o paradoxo do homem disperso”, foram os negros que construíram a tal civilização ocidental, por isso esse mundo também lhe pertence: “mereço o meu pedaço de pão”; não há aqui como não fazer um paralelo com *Vozes d’África*, de Castro Alves (1847-1871), poeta romântico baiano que viveu apenas 24 anos, mas que teve grande parte de sua poesia dedicada à valorização do negro escravo como ser humano e à condenação do escravagismo, vejamos o poema do bardo brasileiro:

Vozes d’África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?  
Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes  
Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,  
Que embalde desde então corre o infinito...  
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia  
Do deserto na rubra penedia  
- Infinito: galé! ...

Por abutre - me deste o sol candente,  
E a terra de Suez - foi a corrente  
Que me ligaste ao pé...  
O cavalo estafado do Beduíno

Sob a vergasta tomba ressupino  
E morre no areal.

Minha garupa sangra, a dor poreja,  
Quando o chicote do simoun dardeja  
O teu braço eternal.  
Minhas irmãs são belas, são ditosas...  
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas  
Dos haréns do Sultão.

Ou no dorso dos brancos elefantes  
Embala-se coberta de brilhantes  
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...  
Ganges amoroso beija a praia  
Coberta de corais ...  
A brisa de Misora o céu inflama;

E ela dorme nos templos do Deus Brama,  
- Pagodes colossais...  
A Europa é sempre Europa, a gloriosa! ...  
A mulher deslumbrante e caprichosa,  
Rainha e cortesã.

Artista - corta o mármore de Carrara;  
Poetisa - tange os hinos de Ferrara,  
No glorioso afã! ...  
Sempre a láurea lhe cabe no litígio...  
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio  
Enflora-lhe a cerviz.  
Universo após ela - doudo amante  
Segue cativo o passo delirante  
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada  
Em meio das areias esgarrada,  
Perdida marcho em vão!  
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;  
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!  
Não descubras no chão...  
E nem tenho uma sombra de floresta...  
Para cobrir-me nem um templo resta  
No solo abrasador...  
Quando subo às Pirâmides do Egito  
Embalde aos quatro céus chorando grito:

"Abriga-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza a fronte envolve,  
Velo a cabeça no areal que volve  
O siroco feroz...  
Quando eu passo no Saara amortalhada...  
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada  
No seu branco albornoz. . ."  
Nem vêem que o deserto é meu sudário,  
Que o silêncio campeia solitário  
Por sobre o peito meu.

Lá no solo onde o cardo apenas medra  
Boceja a Esfinge colossal de pedra  
Fitando o morno céu.  
De Tebas nas colunas derrocadas  
As cegonhas espiam debruçadas  
O horizonte sem fim ...  
Onde branqueia a caravana errante,  
E o camelo monótono, arquejante  
Que desce de Efraim

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!  
É, pois, teu peito eterno, inexaurível  
De vingança e rancor?...  
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime  
Eu cometi jamais que assim me oprime  
Teu gládio vingador?!

Foi depois do dilúvio... um viandante,  
Negro, sombrio, pálido, arquejante,  
Descia do Arará...  
E eu disse ao peregrino fulminado:  
"Cão! ... serás meu esposo bem-amado..."

- Serei tua Eloá. . . "

Desde este dia o vento da desgraça  
Por meus cabelos ululando passa  
O anátema cruel.  
As tribos erram do areal nas vagas,  
E o Nômada faminto corta as plagas  
No rápido corcel.  
Vi a ciência desertar do Egito...  
Vi meu povo seguir - Judeu maldito -  
Trilho de perdição.  
Depois vi minha prole desgraçada  
Pelas garras d'Europa - arrebatada -  
Amestrado falcão! ...

Cristo! embalde morreste sobre um monte  
Teu sangue não lavou de minha fronte  
A mancha original.  
Ainda hoje são, por fado adverso,  
Meus filhos - alimária do universo,  
Eu - pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre  
Condor que transformara-se em abutre,  
Ave da escravidão,  
Ela juntou-se às mais... irmã traidora  
Qual de José os vis irmãos outrora  
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço  
Role através dos astros e do espaço  
Perdão p'ra os crimes meus!  
Há dois mil anos eu soluço um grito...  
escuta o brado meu lá no infinito,  
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

Observemos que todo o poema é um brado contra as injustiças do mundo ocidental praticadas em nome de um Deus que privilegia uns povos em detrimento de outros, por isso um eu poético revoltado, irmanado com a causa de Agostinho Neto, que é a causa do povo africano, olha que castro Alves é quase contemporâneo de Kalr Marx e é possível que não o tenha lido, mas suas idéias se aproximam, da mesma forma que confluem para o mesmo ideal do poeta angolano, este sim marxista de carteirinha.

*Aspiração* é um hino de esperança aos desesperados; apesar de toda a dor, a glória virá um dia, esse desejo não morre nunca. *Não me peças sorrisos* situa-se entre um agora e um depois. O primeiro é o da luta pelo fim das injustiças, por ora, não há por que sorrir; o segundo representa o momento de liberdade tão decantado pelo poeta e esperado pelos africanos, mas perdura a certeza de um mundo novo, o eu poético é inexorável em sua convicção. *Saudação*, na verdade, é um convite aos negros dispersos por vários motivos, é um chamamento à formação de um “exército”, digamos assim, que possa lutar pela autodeterminação; o eu lírico irmana-se aos demais negros para lhes passar confiança, certeza de que só unidos poderão mudar a ordem das coisas.

*Kinaxixi* é mais um poema que revela o caráter inquietante que Agostino Neto empresta à sua poesia; aquela vida de pasmaceira, como diria Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, de certa forma, contemporâneo de Agostinho Neto, em *Cidadezinha qualquer*:

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

De Alguma poesia (1930)

Aquela maneira de viver, ou sobreviver, não lhe satisfaz, por isso é preciso “marchar”.

*Consciencialização* é um poema ríspido, forte, decidido: enquanto perdura o “medo no ar”, as pessoas se trancam em suas casas e até em suas consciências, então o eu poético transmuda-se na África, porém com os olhos secos, sem lágrimas, pois ele não pode titubear. Em *Um*

*aniversário*, o eu lírico, convicto de que não se pode fingir a realidade, rejeita a confraternização, por não se sentir digno de efusivas congratulações, enquanto seus irmãos padecem, e aí, não apenas os de África, os do mundo inteiro, pois há injustiças espalhadas por toda a parte... o dia, porém, não será de todo inútil, porque necessário pôr as idéias no lugar, o poeta se sente como um escolhido a protagonizar uma nova era, como o próprio Jesus Cristo: “E no mundo constrói-se/no mundo constrói-se”, como querer dizer: se no mundo se constrói, se o mundo se constrói, por que não pode ele construir-se e construir um novo mundo?

Há em Fanon uma passagem, em seu livro **Os Condenados da Terra**, bastante lúcida, que serve para ilustrar o intelectual Agostinho Neto e sua obra poética:

Assim se explica suficientemente o estilo dos intelectuais colonizados que decidem exprimir esta fase da consciência em vias de se libertar. Estilo cheio de contrastes, de imagens, porque a imagem é a ponte levadiça que permite às energias inconscientes dispersar-se pelos campos vizinhos. Estilo nervoso, animado por ritmos, povoado por uma vida eruptiva. Colorido também, bronzeado, ensolarado e violento. Esse estilo, que num dado momento surpreendeu os ocidentais, não é como se quis afirmar um carácter racial, mas traduz antes de mais um corpo a corpo, revela a necessidade em que se encontra esse homem de se lastimar, de sangrar realmente sangue vermelho, de se libertar de uma parte de seu ser que já encerrava os germes da podridão. Combate doloroso, rápido, onde inevitavelmente o músculo devia substituir o conceito.(FANON, 1961, p. 215)

Mais adiante, Fanon chama a atenção para o abismo que aguarda os idealistas desta fase: o enveredar-se pelo elogio dos costumes, pela busca das tradições, pela evocação banal do exotismo, é o retorno ao *boubou*, segundo ele, porém, como já foi dito acima, Neto há de seguir outra trilha, como ratifica o restante dos poemas da Trilogia, que serão analisados em outro momento.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Castro. **Obras completas. Tomos I e II.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

\_\_\_\_\_. Os Escravos. Castro Alves. Martins:MEC: São Paulo, 1972

ANDRADE, Carlos Drummond. Reunião de poesia.

CORREIA, Amélia Maria Loureiro. **A representação do negro na poesia de Castro Alves.** Tese de Mestrado: Faculdade de Letras/UC:2006

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra.** 1961

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança, Renúncia impossível e Amanhecer.** Luanda: 2009: UEA, 182 p.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?.** São Paulo: Ática.